



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - LICENCIATURA

**A PROPAGAÇÃO DA NARRATIVA COLONIAL: UMA ANÁLISE DO MUSEU CASA
COLÓN**

THIAGO PAGANI SILVA

Foz do Iguaçu
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - LICENCIATURA

**A PROPAGAÇÃO DA NARRATIVA COLONIAL: UMA ANÁLISE DO MUSEU CASA
COLÓN**

THIAGO PAGANI SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História Licenciatura.

Orientador: Prof. Rosângela de Jesus Silva

Foz do Iguaçu
2025

THIAGO PAGANI SILVA

A PROPAGAÇÃO DA NARRATIVA COLONIAL ATRAVÉS DE MUSEUS: UMA ANÁLISE
DO MUSEU CASA COLÓN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História Licenciatura.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof^a. Dra. Rosangela de Jesus Silva
UNILA

Prof. Dr. Hernán Venegas Marcelo
UNILA

Prof. Dr. Tiago Costa Sanches
UNILA

Foz do Iguaçu, 01 de Fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo ao jovem que vos escreve, a mim mesmo, por persistir mesmo diante de tantas adversidades. Enfrentei comparações, incertezas e desafios, e embora muitos ainda permaneçam, sigo aqui, firme, lutando contra a sensação de não pertencer. Este trabalho representa, ao mesmo tempo, um alívio e uma preocupação: um alívio por ter conseguido concluí-lo e uma preocupação por ainda não saber completamente o que o futuro me reserva.

Agradeço profundamente à minha orientadora, por sua paciência, dedicação e confiança em mim e no meu tema. Obrigado por acreditar no meu potencial, mesmo diante das dificuldades. Seu apoio foi essencial para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus amigos, minha mais sincera gratidão. Vocês foram fundamentais nesta trajetória, e cada palavra de incentivo deixou marcas em meu coração. Um agradecimento especial à minha amiga Juliana: saber que você está ao meu lado, assim como eu estou ao seu, traz uma leveza enorme à minha caminhada. Este trabalho não teria acontecido sem a sua presença constante e encorajadora.

Por fim, agradeço à minha família, que, mesmo sem compreender totalmente quem sou ou as escolhas que fiz, tenta me apoiar da melhor maneira possível. Obrigado por caminharem comigo, mesmo quando os caminhos pareciam difíceis de entender. Este trabalho é fruto de cada mão estendida e de cada coração que acreditou em mim.

RESUMO

O presente artigo articula a análise expográfica do Museu Casa Colón, que retrata a vida de Cristóvão Colombo e sua chegada à América, com o diálogo crítico entre as perspectivas europeias e latino-americanas, evidenciando a epistemologia decolonial. Além disso, propõe-se discutir o papel incorporado pelo Museu Casa Colón em seu caráter pedagógico e lúdico, porém afastando-se da Museologia tradicional, partindo de uma abordagem decolonial que flerta entre as perspectivas europeias e latino-americanas e as narrativas históricas e representações culturais que são pautadas por cada universo. E desse modo, dialogaremos com autores da museologia decolonial como Renato Athias (2016), Bruno Brulon (2020) e Brenda Caro Cocotle (2019) para denunciar como os alguns enfoques podem ser colonialistas e excludente, sublinhando a importância de caracterizar a pluralidade das narrativas históricas.

Palavras-chave: Casa Museu Colón; Expografia; Museologia; Epistemologia decolonial; perspectivas europeias e latino-americanas;

RESUMEN

Este artículo articula el análisis expográfico del Museo Casa Colón, que retrata la vida de Cristóbal Colón y su llegada a América, con el diálogo crítico entre las perspectivas europea y latinoamericana, destacando la epistemología decolonial. También pretende discutir el papel desempeñado por el Museo Casa Colón en su carácter pedagógico y lúdico, pero alejándose de la Museología tradicional, a partir de un enfoque decolonial que coquetea entre las perspectivas europeas y latinoamericanas y las narrativas históricas y representaciones culturales que se guían por cada universo. Y de este modo, dialogaremos con autores de la museología decolonial como Renato Athias (2016), Bruno Brulon (2020) y Brenda Caro Cocotle (2019), para denunciar enfoques colonialistas y excluyentes, subrayando la importancia de caracterizar la pluralidad de las narrativas históricas.

Palabras clave: Casa Museo Colón; Expografía; Museología; Epistemología decolonial; Perspectivas europea y latinoamericana;

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Mapa contendo a localização da cidade de Valladolid	15
Figura 2 – Folheto explicativo da Casa Museo Colón	16
Figura 3 – Parte interna do folheto explicativo da Casa Museo Colón	17
Figura 4 – Edifício Casa Museu Colón (2024)	18
Figura 5 – Réplica da embarcação	24
Figura 6 – Projeção do ator vestido com trajes medievais discutindo com o visitante a vida de Colón.	25
Figura 7 – Primeiro painel autoexplicativo do comércio europeu e da vida de Cólón	26
Figura 8 – Exibição do Astrolábio náutico como inventor europeu	27
Figura 9 – Exibição do Astrolábio náutico como inventor europeu	28
Figura 10 – Escrito sob a parede	29
Figura 11 – Imagens com a representação de um nativo	30
Figura 12 – Cerâmicas de diferentes povos Lainos-Americano	31
Figura 13 – Cerâmicas de diferentes povos Lainos-Americano	31
Figura 14 – Sala: Los indígenas	33
Figura 15 – Painel Iguana	34
Figura 16 –Painel demonstrativo dos plantios através de desenhos	36
Figura 17 – Painel de armamentos europeus e indígenas	37
Figura 18 – Painel descritivo	38
Figura 19 – Painel expositivo de figuras católicas e indígenas da américa	41
Figura 20 – Escrito sob a parede	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 MUSEU ANTES DE SER MUSEU	15
2.1 A IMPORTÂNCIA DA CIDADE DE VALLADOLID	
2.2 SURGIMENTO DA CASA MUSEU COLÓN	
3 MUSEU E SUAS FUNÇÕES	20
3.1 ESSÊNCIA MUSEAL	
3.2 PERSPECTIVA MUSEAL	
4 MUSEU E A DESCOLONIZAÇÃO	24
4.1 A ORIGEM E O PAPEL DOS MUSEUS	
4.2 EXPOGRAFIA DA CASA MUSEO COLÓN	
5 .CONCLUSÃO	46
6. REFERÊNCIAS	48

1. INTRODUÇÃO

Para dar sentido às escolhas determinadas neste trabalho, antes de tudo, convém apresentar o lugar de fala¹ deste que vos escreve. Meu nome é Thiago Pagani Silva, sou um homem branco de 27 anos, natural do interior de São Paulo, que entrou na universidade buscando tornar-se um educador no campo historiográfico, mas para além de buscar uma função didática, em meio a sociedade, também busquei o despertar do meu próprio senso crítico, para que consiga plantá-lo nos meus futuros alunos.

Em meio a minha caminhada na universidade, conheci os estudos decoloniais, com os quais tive afinidade, e, uma visão distinta do *mainstream*² acerca da identidade latinoamericana, de modo que, quis avançar meus estudos seguindo este viés. No entanto, a área de interesse principal deste estudo se direcionou à museologia³, exemplificando como os elementos do ambiente museal escolhido configuram uma perspectiva de conhecimento histórico sobre a realidade e dos eventos retratados e, em seguida propondo uma análise crítica e decolonial sobre como esse processo de aprendizagem acontece.

Nesse seguimento, também gostaria de contar-lhes que o presente artigo é fruto da minha experiência acadêmica de intercâmbio na Espanha na Universidad de Valladolid, na região de Castela e Leão, localizada na cidade de Valladolid. Ele nasceu, durante minha estadia na Espanha,

¹ Segundo Djamila Ribeiro, "lugar de fala" é uma abordagem que parte da ideia de que as experiências individuais são moldadas pelas posições sociais e pelas identidades dos sujeitos, como raça, gênero e classe.

² *Mainstream* é um termo em inglês que se refere ao que é popular, amplamente aceito ou dominante em uma determinada cultura ou sociedade.

³ A museologia é a área de estudo dedicada aos museus e suas práticas.

quando visitei a Casa Museu Colón⁴, a qual me motivou a questionar os modos e formatos como que o museu narra o passado e transmite conhecimentos e discursos, principalmente, acerca dos povos pré-colombinos, os quais para mim, sinalizaram o peso que o processo de colonização, ainda hoje, detém sobre as estruturas de conhecimento.

Desse modo, neste trabalho realizei uma análise crítica de como está disposta a expografia no ambiente museal⁵ para dialogar com as narrativas expostas pela Casa Museu Colón a fim de entender como o continente europeu, em específico a Espanha, está construindo seu conhecimento sobre Nós⁶. Além disso, alguns elementos da expografia do museu foram significativos na interpretação e vivência museológica do presente autor sobre a Latinoamérica; considero que este trabalho vem de um olhar pessoal e único.

A análise museológica buscou respeitar os limites do revisionismo, considerando que o museu não adota essa perspectiva e foi estruturado a partir de fontes primárias. Entre elas, destacam-se relatos de viajantes como Martim de Angleria e Fernando de Oviedo, que narram a chegada dos europeus à América sob um olhar curioso dos nativos. Esse fenômeno coincide com o início do processo de colonização, período em que a Europa passou a construir gabinetes de curiosidades para expor, por meio de objetos, a visão europeia sobre as experiências sociais dos povos nativos do continente.

Para aprofundar a pesquisa, buscou-se contato com a instituição, visando acessar informações museológicas detalhadas. No entanto, o museu recusou-se a compartilhar os dados necessários. Diante disso, o estudo foi estruturado com base em um recorte expográfico definido pelo autor. Além disso, foram formuladas algumas perguntas norteadoras, como: Quando e como surgiu a Casa Museo Colón? Quais discursos são transmitidos por meio de sua expografia? Quais objetos, textos e obras de arte compõem seu acervo? A partir dessas questões, desenvolveu-se um debate teórico fundamentado nos estudos de Renato Athias (2011), Bruno Brulon (2020) e Brenda Caro Cocotle (2019), alinhando a pesquisa à perspectiva decolonial.

Athias (2011) contribui para formar uma base teórica sobre imagens e objetos xamânicos indígenas presentes em museus europeus, analisando como esses itens foram retirados de territórios indígenas e exibidos em contextos que influenciam a forma como são percebidos pela sociedade. Enquanto Brulon (2020), por sua vez, traz a entrada da perspectiva decolonial nos museus,

⁴ Museu dedicado à vida e aos feitos de Cristóvão Colombo, situado em Valladolid, Espanha.

⁵ Museal é tudo o que é de caráter do museu.

⁶ Latino, que nasceu na América-latina.

ênfatizando as mudanas que essa abordagem agrega à museologia tradicional. O mesmo autor também dialoga com as ideias de Cocotle (2019), o qual aprofunda a compreensăo da decolonialidade pois aborda o multiculturalismo nos museus, discutindo como essa prerrogativa enriquece a representao cultural em espaos museolĂgicos.

Este trabalho estă organizado em trĂs partes principais. A primeira parte tem como objetivo apresentar o surgimento do Museu Casa ColĂn, explorando as razĂes de sua criao e seu simbolismo histĂrico para a cidade de Valladolid. A segunda seo aborda a funo do museu e o papel da museologia, incluindo uma discussăo sobre a museologia decolonial e suas implicaes para a narrativa museogrăfica. Na terceira parte, Ă analisada a expografia do museu, relacionando-a aos questionamentos que orientam este estudo. Por fim, a Ăltima parte oferece a conclusăo, sintetizando os debates propostos ao longo do trabalho e destacando as reflexĂes principais geradas pela anĂlise.

2. MUSEU ANTES DE SER MUSEU

2.1 A IMPORTĂNCIA DA CIDADE DE VALLADOLID

A Casa Museo ColĂn surge como um espao que năo apenas preserva a memĂria de Colombo, mas tambĂm reflete a maneira como sua figura e as narrativas associadas à "descoberta" das AmĂricas săo apresentadas ao pĂblico. Nesse cenĂrio, a cidade de Valladolid desempenhou um papel crucial no sĂculo XVI, o desenvolvimento polĂtico, cultural e jurĂdico da Era Moderna. Durante o reinado dos Reis CatĂlicos, Isabel I de Castela (1451-1504) e Fernando II de Aragăo (1452-1516), Valladolid se a capital de facto do reino e era reconhecida como um centro administrativo da coroa espanhola, a cidade abrigava arquivos oficiais e a chancelaria real. Nesse contexto, Valladolid tambĂm foi palco de importantes trĂmites jurĂdicos cronista do rei, e Dom Bartolomeu de Las Casas (1484–1566), bispo de Chiapas, nas Ăndias (BARBOSA, 2015). Esse julgamento simbolizou o confronto entre visĂes opostas sobre a colonizao: a lĂgica imperialista e eurocĂntrica contra uma perspectiva que buscava, ainda que de forma limitada, preservar a dignidade dos povos nativos.

Figura 1: Mapa contendo a localização da cidade de Valladolid.

<https://drive.google.com/file/d/12o1Dyu17x6PeT8VIXj-Lc2RyGOM6hoWB/view?usp=sharing>

Fonte: Google Maps

2.2 SURGIMENTO DA “CASA MUSEU COLÓN”

A cidade de Valladolid também foi significativa nas entrelinhas do processo da colonização das Américas. Em 1506, na busca por acordos com a monarquia espanhola, Cristóvão Colombo recorreu à cidade, seguindo os passos da coroa, com o objetivo de arrecadar fundos para sua quinta viagem. Uma viagem que embora tenha tido suas expectativas frustradas, possibilitou Valladolid ser cenário dos últimos dias de Colombo, pois prontamente que chegou a cidade adoeceu e veio a falecer (MARTÍN, 2013). Nesse sentido, a Casa Museo Colón surge com o intuito de impulsionar a história de vida de Cristóvão Colombo e acentuar a importância de Valladolid como um polo administrativo, econômico e palco de vivência deste personagem célebre.

De acordo com Berzal (2018) antes da inauguração do museu, em 1968, havia na historiografia o mito que acreditava que Cristóvão Colombo tinha residido onde hoje se encontra a Casa Museo Colón (CUARTERO Y HUERTA, 1988). No entanto a própria instituição se abstém em demarcar o fato em si, já que há documento municipal datado de 1865, que confirma que a propriedade só passou a pertencer sua família a partir de 1780 (BERZAL, 2018), dois séculos depois do falecimento de Cristóvão Colombo. Mesmo assim, optou-se por manter a exposição na casa, porque a instituição museal busca promover e mostrar ao visitante um olhar descobridor, que vem a partir do protagonismo do personagem, como sua conquista maior: a chegada nas Américas.

A localização do museu na Rua Colón reforça a conexão da cidade com o navegador, valorizando a ideia de que ele passou seus últimos dias ali; embora historiadores ainda debatem sobre o local exato da residência em que ele faleceu. Diante disso, o museu evita confirmar detalhes históricos incertos em sua exposição, mas constrói uma narrativa de orgulho em relação ao vínculo entre a cidade de Valladolid com revela a complexa relação entre história e memória, evidenciando como as instituições utilizam Cristóvão Colombo.

A análise da Casa Museo Colón utiliza recursos arquitetônicos e expográficos para construir narrativas em torno de figuras históricas e eventos emblemáticos. Apesar das controvérsias sobre a veracidade de certos aspectos, o museu assume um papel fundamental na valorização da conexão de Valladolid com Cristóvão Colombo, reforçando a importância da cidade no imaginário histórico

espanhol e europeu. Todavia, a instituição não convida os visitantes a refletirem sobre os legados e contradições da colonização, este autor sente falta de a autocrítica sobre o passado.

3. MUSEUS E SUA FUNÇÕES

3.2 PERSPECTIVA MUSEAL

Os valores da modernidade⁷ ajudaram os museus a transformarem a expografia, trazendo para o ambiente museal um carácter pedagógico, auxiliando o visitante a ter leituras críticas e reflexão da carga histórica dos objetos expostos. Nesse sentido, no mundo epistêmico, consolidou-se uma ciência fundamentada pela razão, produzida em meio a academia e laboratórios. Dessa forma, Nogueira et al. (2023) elucida que a validação do conhecimento científico também é atribuída a esses contextos, o que muitas vezes deslegitima outras formas de episteme.

Os museus históricos, fundados a partir do século XVIII, tinham como objetivo inicial consolidar uma narrativa da história nacional, frequentemente centrada nas elites e nas potências dominantes. No entanto, durante e após o processo de descolonização, entre as décadas de 1950 e 1970, muitos países e povos colonizados começaram a questionar essas narrativas, que até então eram moldadas por potências coloniais para reforçar sua superioridade cultural e política. Esse movimento abriu espaço para um esforço crescente de recontar a história a partir de perspectivas indígenas e locais, trazendo à tona as vozes e experiências que foram historicamente silenciadas (SAID, 2007).

Além disso, essa crítica impulsionou uma reavaliação das identidades coletivas e das memórias culturais de minorias e grupos historicamente marginalizados. Nesse sentido, a presença de representações e saberes de minorias nos museus tornou-se fundamental para desafiar a visão canônica e hegemônica que perpetuava uma ciência colonial.

Para Ramos (2001),

Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Mostrando relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos, o museu ganha substância educativa, pois há relações entre o que passou, o que está passando e o que pode passar (RAMOS, 2001, p.111).

⁷ A partir da visão de Mignolo a modernidade é entendida como um fenômeno intrinsecamente ligado ao colonialismo, assim houve uma reestruturação da instituição museológica.

Portanto, é notório que o museu é um espaço fundamental, pois cria narrativas ao propor representações do passado, as quais podem contribuir sobre a maneira como as pessoas projetam ideias sobre o futuro. Essa capacidade de interligar objetos históricos com a percepção temporal, contudo, levanta uma questão: a narrativa do museu deve ser aceita como verdade, ou será que podemos pensar em responsabilidades compartilhadas? Nesse sentido, de acordo com Ramos (2001) essa reflexão envolve entender as conexões e tensões possíveis que o público pode assumir sobre o museu, sobre os objetos expostos e aquilo que eles representam.

No Museu Casa Colón, as contradições aparecem na exibição de objetos indígenas, que são apresentados sob uma perspectiva europeia, em um enfoque eurocêntrico. Isso gera um conflito com a visão decolonial, pois a exposição não considera totalmente o significado original dos objetos para as culturas indígenas. A narrativa museológica reflete uma abordagem colonialista, reforçada por citações de cronistas do século XVI, que descrevem a colonização e as interações entre europeus e nativos, sem incorporar as perspectivas indígenas.

Segundo a historiadora da arte Ana Maria Belluzzo (2002), cujos estudos focam nas representações e descrições do Novo Mundo feitas pelos viajantes europeus, esses exploradores — cientistas, artistas e observadores culturais — documentaram com suas próprias perspectivas as paisagens, a flora, a fauna e os povos indígenas da América do Sul entre os séculos XVI e XIX, por meio de pinturas e textos. Assim, o Museu Casa Colón incorpora o olhar desses viajantes sobre o território recém-descoberto, o que permite ao visitante entender os impactos das expedições de Cristóvão Colombo (1492-1506) e a diversidade cultural da época. Esse entendimento é sustentado por materiais históricos, incluindo objetos pré-colombinos e representações sob o viés europeu, evidenciando a perspectiva europeia que influenciou a visão sobre as culturas indígenas.

Por isso, entende-se que o museu é um espaço muito importante, pois ele cria discursos sobre o passado e permite, aos seus espectadores, projetarem a mesma ideia sobre o futuro, no entanto, sabendo que o museu tem a capacidade de relacionar os objetos históricos com o tempo, a substância narrativa do ambiente museal pode ser questionada, assim o cabe ao visitante saber questionar a expografia a partir de seu arcabouço teórico? Ele conseguirá entender as relações de diferentes objetos e suas tensões hermenêuticas (RAMOS, 2001). Nesse sentido, no interior da Casa Museu Colón, essa tensão é perceptível quando os objetos indígenas expostos são fundamentados por meio da leitura teórica europeia, em que parte do museu tenta representar a sociedade de povos ameríndios, mas se conflitam com o arcabouço teórico decolonial.

4. MUSEUS E A DESCOLONIZAÇÃO

4.1 A ORIGEM E O PAPEL DOS MUSEUS

Antes de iniciar o diálogo com o museu, é importante entender como surgiram, suas finalidades e impacto para a sociedade. Para Brulon (2020) os museus surgiram no baixo iluminismo, mostrando o caráter desse novo homem⁸ com um conhecimento racional, desprovido de corpo. Importante ressaltar que o homem desprovido de corpo descarta seu recorte raça, classe e origem, e o coloca como um ser capaz de pensar a partir de um local neutro, sendo ele institucionalizador deste saber produzido.

O Iluminismo foi, portanto, marcado pela ascensão do museu como uma instituição científica destinada a lidar com o desconhecido e o inexplorado das colônias. Para Brulon (2020), o pensamento racionalista ocidental organizou os "objetos" materiais de maneira a possibilitar sua observação, contagem, pesagem e medição pelos cientistas enciclopedistas, com o objetivo de controlar o mundo por meio do controle do saber.

Os museus foram criados para propagar um conhecimento a partir deste homem cartesiano⁹, um conhecimento científico produzido na Europa e institucionalizado também dentro do âmbito museal. A decolonialidade, por sua vez, surge para contestar ideias pré-estabelecidas, autores como Quijano (2005) e Boaventura (2007) dialogam com esse pensamento que configura a colonialidade¹⁰ como um sistema-mundo moderno¹¹, discutindo a criação de uma periferia pela Europa com o propósito de impor uma ordem de saberes.

A identificação de uma concepção colonial exige descrever a existência de uma hierarquização dos tipos e origens de conhecimentos, marcando a colonialidade pela disparidade entre o saber institucionalizado, que são as epistemologias dominantes, reconhecidas e legitimadas pelo Ocidente, e os saberes marginalizados, como as epistemologias subalternas, que foram historicamente subjugadas e desconsideradas pelo rigor da academia (DE SOUSA SANTOS, 2007). No âmbito museológico, o pensamento decolonial, se insere de modo a integrar, reconhecer e validar os saberes de grupos marginalizados, promovendo uma desconstrução da estrutura museológica e do conhecimento que nela está interiorizado (PORTO, 2000).

⁸ O conceito de "novo homem" no Iluminismo refere-se à ideia de transformação do ser humano por meio da razão, do conhecimento e da educação, promovendo uma sociedade mais justa e iluminada. Durante o século XVIII, os pensadores iluministas acreditavam que o progresso individual e coletivo seria possível se o homem abandonasse a ignorância e os preconceitos, adotando valores como racionalidade, liberdade, igualdade e busca pelo bem-estar comum.

⁹ Usado no contexto iluminista, o homem cartesiano adota um método científico a fim de investigar a verdade.

¹⁰ Conceito que se refere às estruturas de poder, saber e ser que permanecem em funcionamento mesmo após o fim do colonialismo formal

¹¹ Conceito trazido pelo sociólogo e historiador Immanuel Wallerstein (2008) que está vinculado ao sistema de Estrutura Hierárquica do mundo globalizado.

No entanto, não se pode dizer que a museologia ainda está composta pelo mesmo padrão colonial, visto que há uma Nova Museologia também idealizada por europeus com a intenção de realizar uma autocrítica segundo Bruno Brulon (2020). Assim, as práticas da Nova Museologia denunciam um caráter eurocêntrico tentando produzir museus comunitários e sociais, entretanto, o autor adverte que a Nova Museologia manteve premissa a separação ontológica entre sujeitos. Esse sujeito é visto como alguém racional e independente do objeto, bem como entre pensamento e realidade material, que se refere à forma como as ideias, teorias e interpretações (pensamento) se relacionam com os objetos, artefatos e culturas que os museus representam, o que ainda permite às instituições passível de se apropriar e dominar os objetos expostos, desta forma ainda se mantém um processo de subalternização (BRULON, 2020). Por isso, ainda se faz necessário reformulação das práticas existentes a fim de romper uma epistemologia tradicional.

A vinda da decolonialidade começa a questionar os temas de fronteiras “identidade”, “representação” e “apropriação” introduzidos por Cocotle (2019). E nessa mesma linha, também explora dois outros conceitos fundamentais: o multiculturalismo- O multiculturalismo na museologia refere-se à abordagem que reconhece e valoriza a diversidade cultural nas coleções, exposições e práticas museológicas. Essa perspectiva busca refletir a pluralidade de identidades, histórias e experiências que compõem a sociedade, promovendo uma representação mais justa e inclusiva de diferentes grupos culturais.- e a hibridização- Hibridização na museologia refere-se à fusão de diferentes culturas, práticas e abordagens dentro dos espaços museais, resultando em exposições e representações que combinam elementos de diversas tradições e contextos. Essa abordagem é especialmente relevante em sociedades contemporâneas, onde as interações entre culturas são cada vez mais frequentes e complexas. Seus aspectos incluem Mistura de Estilos e Formas, Narrativas Interculturais, Inovação na Curadoria, Espaços Interativos, Educação e Sensibilização e Reconhecimento da Globalização- A autora discute a necessidade de criar, no ambiente museológico, um espaço para revisitar narrativas, assegurando que o discurso histórico e a identidade coletiva incluam representações culturais de minorias e grupos considerados subalternos. Além disso, defende que tanto a propriedade quanto a equipe responsável pela gestão das coleções devem ser compostas por indivíduos de minorias étnicas (COCOTLE, 2019).

Para Brulon (2020), é essencial adotar uma museologia integral, que integre a matéria ao pensamento, reconhecendo cada objeto como portador de significados que vão além de sua materialidade. Assim, é necessário, além de incluir objetos de grupos minoritários, valorizar a narrativa e o significado desses objetos que foram historicamente excluídos das práticas museais tradicionais.

Nessa mesma linha de raciocínio, Athias (2011) analisa a presença de objetos xamânicos indígenas em museus europeus, os quais são frequentemente exibidos com uma perspectiva folclórica e curiosa. Esses artefatos, coletados por viajantes durante o período colonial, são apresentados em museus europeus em uma tentativa de produção e reprodução da sociedade a qual foram retirados. Um exemplo claro disso é a sala "Los Indígenas" no Museu Casa Colón, que exhibe objetos, ilustrações e imagens para simular o estilo de vida dos povos originários das Américas. Nessa sala, discursos de viajantes europeus do período colonial são incorporados para descrever, sob uma perspectiva europeia, os costumes e comportamentos dos povos indígenas, reforçando uma narrativa externa e distanciada sobre essas culturas.

A partir desta reflexão vislumbramos que as instituições museais foram construídas por saberes eurocêntricos e marginalizam as epistemologias de povos colonizados. Apesar dos avanços da Nova Museologia e das críticas decoloniais, como as de Quijano (2005) e De Sousa Santos (2007), a separação entre sujeitos e objetos e a subalternização de culturas ainda persistem. Para superar essas limitações, é necessário transformar os museus em espaços que reconheçam a pluralidade de epistemologias, legitimem as vozes historicamente silenciadas e valorizem os significados associados a cada objeto. Somente assim os museus poderão se tornar instituições verdadeiramente democráticas e inclusivas.

4.2 EXPOGRAFIA DA CASA MUSEU COLÓN

O edifício em que se encontra a Casa Colón, tem sua estrutura composta por umtrês andares e um quintal dianteiro. Na entrada do museu, a poucos metros do portão principal, encontra-se um busto de Ponce de León¹² (1460-1521) e uma réplica em ferro de menor escala da embarcação na qual o navegador chegou às Américas, conforme a imagem abaixo. Ao entrar no piso térreo, é apresentado o percurso de vida de Colombo, com um caráter lúdico e pedagógico, incluindo um vídeo no qual um ator vestido com trajes medievais discute a vida do homenageado, descrevendo sua humilde origem, sua paixão pela navegação e sua devoção à igreja.

Figura 5: Réplica da embarcação

<https://drive.google.com/file/d/1l36VcFqHrQhlpOjKKFxaepsT3VuAgoon/view?usp=sharing>

¹² Juan Ponce de León (1460-1521) foi um conquistador e explorador espanhol. Nascido em uma família de nobreza menor em Santervás de Campos, na Espanha, ele é mais conhecido por sua exploração da Flórida, na atual Estados Unidos.

Figura do autor

Figura 6: Projeção do ator vestido com trajes medievais discutindo com o visitante a vida de Colón.

<https://drive.google.com/file/d/1YvZcxH-JGzk12SI99K3vEdw2fwzxxv71m/view?usp=sharing>

Fonte: Facebook¹³

Em primeiro momento o museu busca a romantização da vida do homenageado. Dessa maneira, permite identificar a prevalência de artefatos e informações no espaço-museal, que reafirmam a imagem de um homem cristão que busca, por meio de uma vocação, as expertises para a navegação, a possibilidade de chegar à América. Além disso, ainda no piso térreo, há um painel, conforme a figura sete, que informa sobre as rotas comerciais ameaçadas pelos turcos na Europa e a necessidade de procurar novos percursos com finalidades comerciais, também instrui ao visitante a trajetória do conhecimento ocidental, mostrando a exportação de produtos da época baixo medieval, o início da colonização, junto exemplifica como funcionava a exportação neste período além dos produtos que eram consumidos.

A imagem sete é possível observar a figura do Deus romano Jano que está posicionada ao meio do painel onde à sua esquerda está um homem com trajes medievais e também uma imagem de um pueblo¹⁴, já à direita estão as embarcações que podem ser interpretadas pela capacidade ocidental de olhar para o passado e para o futuro. Este painel também transmite brevemente a trajetória de vida de Colón, seu nascimento em Gênova, sua trajetória laboral com a exportação de produtos genoveses, também um fator necessário ao entendimento do leitor a fim de compreender as estratégias da colonização sobre a exploração de novos territórios.

Figura 7: Primeiro painel autoexplicativo do comércio europeu e da vida de Cólón.

<https://drive.google.com/drive/folders/1XoprVoH4jWCkzhjdr-Q7VgcyAL6OrHA9?usp=sharing>

Fonte: Facebook¹⁵

¹³ CASA MUSEO COLÓN. A vida e obra de Colombo. [vídeo] Facebook, 25 mar. 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/CasaMuseoColon/videos/1767081216853243?locale=pt_BR. Acesso em: 21 ago. 2024.

¹⁴ Na Espanha, o termo "pueblo" é frequentemente usado para se referir a **pequenas cidades ou vilas**, muitas vezes em oposição a áreas urbanas maiores como as capitais. Por exemplo, quando se fala de uma pessoa dizendo "Soy de un pueblo," ela está se referindo a ser de uma cidade pequena ou rural.

¹⁵ CASA MUSEO COLÓN. A vida e obra de Colombo. [vídeo] Facebook, 25 mar. 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/CasaMuseoColon/videos/1767081216853243?locale=pt_BR. Acesso em: 21 ago. 2024.

Mais adiante, antes de subir as escadarias que levam ao segundo andar, o visitante depara-se com um corredor onde encontram os métodos e ferramentas para o cálculo de latitudes, o mapa cartográfico de embarcações, além de informações sobre a migração de Colombo para Portugal e sua chegada à Espanha. Nesse contexto, a narrativa conduzida pelo museu sugere que ao mostrar o conhecimento de latitude de cálculos matemáticos ou aritméticos são provenientes da Europa, bem como o conhecimento ultramarino, que portugueses e espanhóis estavam obtendo, expressando isso através da demonstração de um ciclo histórico das embarcações e dos mapas cartográficos.

Como pode ser observado na vitrine intitulada "El Cálculo de Latitud", o museu optou por não abordar a criação das bastilhas e quadrantes de origem asiática. Em vez disso, o discurso do museu afirma que os portugueses simplificaram o uso dessas ferramentas ao inventar o astrolábio. Dessa forma, o museu não explora a transformação do conhecimento, mas constrói uma narrativa na qual a inovação é atribuída exclusivamente à Europa. Nessa perspectiva, a instituição também estabelece um consenso de valor, pois ao desconsiderar outros inventos atribuído ao homem europeu o ser capaz de trazer o novo, podendo aqui ligar a figura do deus romano Jano a figura europeia da inovação.

Figura 8 e 9: Exibição do Astrolábio náutico como inventor europeu.

<https://drive.google.com/drive/folders/1cKUi-ysp9dEVrnyVly5IVu2B0WwRHsss?usp=sharing>

Figura do autor

Nesta etapa, ao optar por não apresentar as origens do conhecimento e focar exclusivamente na inovação ocidental, o museu reforça a importância da contribuição europeia para o mundo. Segundo Weber (1967), as ciências e técnicas receberam grandes impulsos dos interesses capitalistas, relacionados à aplicação prática da economia. No entanto, as origens da ciência ocidental não podem ser atribuídas unicamente a esses interesses. As operações, como o uso do número decimal, já eram conhecidas entre os indianos, que foram os inventores desse sistema. Assim, o sistema moderno ocidental, embora fortemente influenciado pelo desenvolvimento das técnicas e pelo impulso dos interesses econômicos, baseou-se em conhecimentos de outros povos. No entanto, o museu tende a minimizar essas influências externas.

Figura 10: Escrito sob a parede.

https://drive.google.com/file/d/1MYnIPmcwLJDvxgA8JHgBij9ax-YTCA_/view?usp=sharing

Figura do autor

O escrito sob à parede, figura dez, se adequa ao mesmo viés. Localizado na mesma sala onde expõe os conhecimentos matemáticos e cartográfico, retrata a intenção de vangloriar o conhecimento europeu, dizendo que foi a partir da Europa que a ciência ultramarina e astronômica foi estabelecida, e que graças ao conhecimento europeus em traduzir a complexidade deste ciência conseguiu afirmar sobre a tecnologia. Diante dessa mensagem é possível verificar que o texto exclui outros povos, como Árabes, Islâmicos e chineses que também realizavam esse tipo de pesquisa. Por último, traz o reconhecimento da ciência para Espanha e Portugal, deixando em evidência a importância deles para a época.

Nesse panorama, no primeiro andar a viagem de Colombo é retratada conjuntamente com o Tratado de Santa Fé¹⁶ e o encontro com os reis católicos, em Barcelona. Em seguida, essa exposição mostra como se deu a chegada às Américas, o estabelecimento do Tratado de Tordesilhas¹⁷ e o primeiro contato com os indígenas.

A partir deste ponto, o visitante é convidado a explorar a composição da tripulação, a visão de Colombo como cidadão espanhol, a diversidade da flora americana e o contato com os indígenas denominados Guanahaní. Na entrada da sala, há um painel exibindo a primeira impressão dos europeus ao encontrarem os nativos em território americano. Em meio aos painéis, uma televisão apresenta imagens representando um indígena, descrito na figura abaixo com tanga, cocar e rosto pintado, retratando-os com um caráter exótico e folclórico.

Figura 11: Imagens com a representação de um nativo.

<https://drive.google.com/file/d/1a23sAZY5J0fi1GiCpFVZHM8UJlbHZA/view?usp=sharing>

Fonte: Página do facebook¹⁸

No vídeo¹⁹ exibido, são mostradas esculturas de diversos povos latino-americanos, porém, sem informações culturais sobre as cerâmicas e sobre como foram adquiridas. Nesse contexto, é

¹⁶ O Tratado de Santa Fé, assinado em 11 de outubro de 1859, foi um acordo entre os Estados Unidos e o Reino do Novo México, então uma colônia espanhola que mais tarde se tornaria o estado do Novo México, e tinha como principal objetivo resolver disputas territoriais entre as duas partes.

¹⁷ Tratado diplomático assinado em 7 de junho de 1494 entre Portugal e Espanha com o objetivo de dividir as terras recém-descobertas.

¹⁸ **CASA MUSEO COLÓN.** A vida e obra de Colombo. [vídeo] Facebook, 25 mar. 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/CasaMuseoColon/videos/1767081216853243?locale=pt_BR. Acesso em: 21 ago. 2024.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=UCSCITt24E&t=17s>

relevante questionar a própria exposição das cerâmicas, que é tratado de maneira "curiosa", numa tentativa de representar os povos indígenas. O museu negligencia as abordagens que esses objetos podem ter dentro das culturas indígenas (Athias, 2019), dimensões que podem ser imateriais. A Convenção das Nações Unidas de 2003 oferece diretrizes para a salvaguarda do patrimônio cultural material e imaterial, orientando a partir da Diretriz B a respeito do patrimônio cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos. Essa diretriz visa respeitar os aspectos culturais de cada grupo e garantir que o patrimônio indígena e seus significados culturais sejam tratados de maneira respeitosa e coerente pelas instituições. Portanto, as cerâmicas vão além de meros objetos, estando vinculadas às práticas e crenças de cada povo (Athias, 2019).

Figura 13 e 14: Cerâmicas de diferentes povos Latino-americano

https://drive.google.com/drive/folders/1IHfzeDyf0qWc1x0ngJ59NPYlqoibxmb_?usp=sharing

Figura do autor

Como pode ser observado, as legendas das cerâmicas são autoexplicativas e incluem informações sobre o povo que as criou, o período em que foram feitas e o local geográfico. Segundo o historiador Athias (2019), os objetos indígenas devem ser apresentados de forma a refletir a quem pertencem, considerando-os como propriedades “individuais” de famílias ou redes de parentesco. Entretanto, embora as cerâmicas estejam em conformidade com as descrições apresentadas nas legendas, a interpretação do visitante acerca da concepção imagética dessas peças frequentemente se fundamenta em um conhecimento de perspectiva ocidental, o que pode resultar em uma compreensão inadequada do contexto cultural indígena.

Dessa forma, através do vídeo, é evidente que o museu não se preocupou em descrever o significado dos objetos a partir de uma visão étnica, limitando-se a apresentar a magnitude da chegada dos europeus às Américas. Um exemplo disso é o Fuerte de Navidad, que está exposto em uma grande vitrine no centro da sala, juntamente com os Tratados de Tordesilhas, que determinaram a divisão e a posse do novo mundo em detrimento dos povos indígenas.

Na segunda planta, a sala Los indígenas (Figura quatorze) expõe as demais viagens realizadas por Colombo, os territórios conquistados e os povos indígenas e seus costumes, como o uso de canoas para circulação em rios, alimentações e armamento. Nesta sala pode ser visualizado nos painéis relatos de viajantes. Um exemplo, apresentado abaixo, retrata a mandioca como base da comida indígena, no entanto ainda no mesmo painel há um ao lado nomeado - las serpientes - onde retrata a alimentação exótica feita por indígenas através de cobras.

Assim, o museu define uma narrativa, através dos painéis, a partir de uma fonte histórica primária, sempre mostrando um discurso a partir da perspectiva do europeu, já que toda a fonte historiográfica é usada a partir de viajantes naturalistas.

De acordo com Belluzzo (1994), os viajantes que chegavam ao Brasil, mas pode-se aqui exemplificar para a América como um todo, carregavam um anseio por descobrir o "Novo Mundo", motivados por uma variedade de interesses. Esses viajantes, que pertenciam a profissões diversas, como cientistas, artistas e diplomatas, buscavam estudar o território brasileiro de maneira abrangente. Suas observações eram guiadas por interesses diplomáticos e comerciais, mas também refletiam um desejo de vangloriar o homem que se dispunha a desbravar terras desconhecidas, contribuindo assim para a construção de uma imagem do Brasil que mesclava a curiosidade científica com a apreciação estética e cultural do novo ambiente. Belluzzo (1994) destaca que essa complexidade nas motivações dos viajantes enriquece a compreensão da paisagem brasileira e das interações culturais entre Europa e América, essas podem ser exemplificadas abaixo.

Figura 14: Sala: Los indígenas

<https://drive.google.com/file/d/1arODgYfjwX59-mbaV0jHBon2Opc0yCmj/view?usp=sharing>

Fonte: Facebook²⁰

No painel denominado como IGUANA, situado no terceiro painel da sala Los indígenas, imagem abaixo, representa o seguinte descritivo “Llaman a Las serpentes iguanas (...) Decidió el Adelantado dar uns bocado con tiento a la; pero cuando el sabor de la carne comenzó a deleitar su paladar y su gaxnate, parecia que Las comia a dos carrillos (...) Convertidos todos en unos glotonos no tenian más tema de conversación que hablar de la exquisitez de las serpentes o de que era manjar más o que acá el povo, el faisán o la perdiz” Martins de Angleria.

A expografia em questão evidencia as vozes de viajantes europeus e suas perspectivas sobre os povos nativos. Contudo, é crucial ressaltar que essa representação dos viajantes não apenas reflete uma compreensão superficial da cultura indígena, mas também enfatiza a grandiosidade do homem europeu ao confrontar o Novo Mundo. Nesse contexto, acentua-se a imagem de uma cultura curiosa, em detrimento de uma representação justa da cultura indígena, pois falta uma explicação das características étnicas que abranjam todos os povos de forma equitativa.

²⁰ **CASA MUSEO COLÓN.** A vida e obra de Colombo. [vídeo] Facebook, 25 mar. 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/CasaMuseoColon/videos/1767081216853243?locale=pt_BR. Acesso em: 21 ago. 2024.

Figura 15: Painele Iguana.

<https://drive.google.com/file/d/1ndKfliPzbZxWg5KEq69VYqxtZB7P8phK/view?usp=sharing>

Figura do autor

Essa narrativa, entretanto, encontra um contraponto na forma como o museu destaca a contribuição ameríndia para a cultura espanhola, exemplificada por uma vitrine que apresenta desenhos coloridos e minuciosos sobre o cultivo de alimentos. Esses desenhos, ricos em detalhes e vibrantes, capturam a abundância e a variedade natural do Novo Mundo, refletindo o fascínio europeu pela diversidade da flora americana. Como observa Belluzzo (1994), o Novo Mundo despertava encantamento, especialmente por sua natureza única e exuberante, que cientistas e artistas europeus buscavam documentar cuidadosamente. Nos desenhos expostos, é possível observar um nível de detalhamento que inclui as raízes, galhos, folhas e frutos das plantas, revelando o esforço dos artistas em transmitir com precisão cada aspecto dessas espécies exóticas para os olhos europeus.

Ao centro da vitrine, uma placa informativa descreve como alimentos como batatas, tomates, milho e tabaco foram levados da América para a Europa, provocando mudanças na alimentação e na agricultura europeias. Em contraste, o museu apresenta também a contribuição espanhola, com a introdução de alimentos como arroz, açúcar, laranja e vinho, além de técnicas agrícolas como o uso do arado — novidade para os povos indígenas, que não utilizavam ferramentas de ferro. Esse conjunto de elementos na vitrine evidencia a troca cultural e agrícola entre os continentes, ressaltando tanto a riqueza natural do continente americano quanto as influências europeias que transformaram a agricultura indígena.

Figura 16: Painele demonstrativo dos plantios através de desenhos

https://drive.google.com/drive/folders/17shubfgfCzHY8v_F_QhPbRmCGoghds3J?usp=sharing

Figura do autor

No final da mesma sala outro painel, localizado ao lado do painel Las Serpientes, na figura quinze, apresenta ao visitante o armamento utilizado tanto pelos europeus quanto pelos povos originários. Nesta exposição, destaca-se a diferença de técnica armamentícia entre os dois grupos.

Figura 17: Painel de armamentos europeus e indígenas

https://drive.google.com/drive/folders/1jgj2XxK79HdkQChe7IY4SWQF0LYwBz_t?usp=sharing

Figura do autor

Neste painel, descreve os primeiros enfrentamento dos ameríndios e europeus, assim apresenta como “Los primeros enfrentamientos entre indígenas y castellanos evidenciaron la distancia entre manacas, arcos y azagayas y la enfrantaría y la cabellaría castellanas que en ocasiones, creían enfrentarse a comunidades místicas, como la de las Amazonas, compuesta únicamente por mujeres guerreras”.

Neste ponto o museu dialoga com as diferenças das narrativas e de um imaginário que se criava do que era o novo mundo, juntamente não pontua o porquê do uso das armas ou do enfrentamento, apenas usa a palavra ocasião para explicar o ato do confronto. É importante pontuar que havia um imaginário criativo do que era a América e como as pessoas viviam no novo continente, assim a Europa começou a criar *Cabinet de Curiosités*, que serviam como uma galeria a fim de mostrar, através de um olhar folclórico, curioso e distinto o modo de vida dos americanos (BRULON, 2020)

Na terceira planta, o museu continua a narrativa das viagens à América, encerrando com a quarta viagem de Colón e iniciando a representação da sociedade dos povos originários da América. A mudança de tema é marcada por um informativo, exposto na figura dezesseis, dizendo que por mais que Colón descobriu a América ele nunca imaginou descobrir outros territórios, como dos aztecas e incas, mas as suas viagens ele conseguiu apreciar como outros povos modelavam suas vidas e isso proporcionaram-os outra visualização para si.

Figura 18: Painel descritivo

<https://drive.google.com/file/d/1NNXBosX8ofsZLGXmCPEs3E0BNpXOIT1C/view?usp=sharing>

Figura do autor

O discurso apresentado no painel da imagem acima busca construir uma narrativa suavizada sobre o processo de colonização, como se fosse possível apagar ou minimizar as profundas dinâmicas de dominação econômica, cultural, racial e política que caracterizaram esse período. Ao enfatizar aspectos superficiais ou até idealizados da interação entre colonizadores e povos indígenas, o painel ignora as violências estruturais que moldaram a colonização, como a exploração dos recursos, a subjugação das populações nativas e a imposição de uma ordem sociocultural eurocêntrica. Essa abordagem não apenas distorce a complexidade histórica, mas também tenta amenizar o impacto das profundas desigualdades geradas pela colonização, apresentando-a de forma quase conciliadora, em vez de reconhecer as consequências devastadoras desse processo.

Na sala seguinte, conforme mostrado no vídeo²¹, o museu faz um esforço inédito para organizar as esculturas indígenas em categorias como natureza, objetos domésticos, deuses, representações humanas e sensibilidade, com o objetivo de demonstrar o significado de cada peça. No entanto, um objeto adquire um novo valor ao ser inserido em um ambiente museológico. Segundo Ramos (2001), a relação entre os objetos cria uma tensão hermenêutica para compreender seu aspecto histórico. Contudo, o que se observa é uma tentativa superficial de representar a sociedade indígena, sem um aprofundamento integrador, já que o museu falha em descrever o verdadeiro significado de cada objeto.

Isso fica evidente na vitrine dedicada aos deuses, onde o museu se limita a exibir os artefatos sem explicar quais são esses deuses, o que eles representam e qual a sua importância para quais comunidades indígenas. Ao expor objetos xamânicos e outros itens dos povos indígenas da América sem narrar sua relevância cultural, o museu negligencia uma cultura historicamente tratada como subalterna durante a colonização (Brulon, 2020). Essa omissão desconsidera o valor simbólico e espiritual desses artefatos para os indígenas. Athias (2019) exemplifica essa questão ao relatar como as percepções dos viajantes europeus durante suas viagens pela América frequentemente não capturavam a profundidade das culturas que observavam, distorcendo sua compreensão.

Johann Natterer busca todos os tipos de objetos para sua coleção e percebe o interesse bem específico do “coleccionismo” presente, e Coppi dá notícias, em seu Diário ilustrado por ele mesmo, sobre objetos de rituais contando como se apropriou indevidamente de um objeto e cometeu “sacrilégio” com ele, levando-o, depois, para a Itália, onde hoje é uma peça importante no Museu Pignorini. Ele registra no diário a Festa das Máscaras, que ele associa a um ritual demoníaco que chama a presença do diabo entre os Tariana de Iauareté – talvez um relato etno-gráfico importante sobre a dança da máscara, hoje não mais realizada nessa região. É possível encontrar, em vários museus da Europa e dos Estados Unidos, esses objetos

²¹ <https://www.youtube.com/watch?v=FvpdyxvsxjU>

indígenas em exposições permanentes ou fazendo parte de acervos em suas reservas técnicas. (ATHIAS, 2019, p. 172).

Embora a sala representa o esforço mais significativo do museu para essa representação, a presença de objetos indígenas em um museu europeu dedicado a um personagem considerado "descobridor" pela própria instituição não reflete o verdadeiro significado desses itens para os povos originários. No entanto, observa-se que o museu reconhece uma pluralidade cultural e incorpora essa diversidade em sua exposição.

De acordo com Cotler (2019), a exibição de objetos "não cultos" e populares, associados a grupos minoritários, nos museus não assegura uma representatividade autêntica dentro dessas instituições. Isso ocorre porque a validação e interpretação desses objetos são frequentemente subordinadas à perspectiva de um "especialista", que molda o significado conforme sua própria visão. Na Casa Museu Colón, essa dinâmica é evidente, já que a narrativa sobre os objetos indígenas não é construída a partir de uma perspectiva autóctone, mas sim direcionada pela figura de Cristóvão Colombo, reforçando uma visão eurocêntrica.

Essa abordagem se repete na penúltima sala do museu, como pode ser verificado no vídeo feito pelo autor²², onde a sociedade colombina é representada por meio de cerâmicas. Entre essas obras, são retratados o catecismo destinado aos indígenas e santos católicos, como a Virgem de Guadalupe, descoberta em território latino-americano, no México. Dessa forma, o museu perpetua uma narrativa que privilegia a visão europeia e cristã, subordinando os artefatos indígenas a essa lógica interpretativa.

Figura 19: Painel expositivo de figuras católicas e indígenas da América

<https://drive.google.com/drive/folders/1PPsBjnJBK8pWLRodGxMUvDgyjDwgpZkG?usp=sharing>

Figura do autor

Nesta sala, embora o museu privilegie a cultura europeia ao longo da expografia, ele também apresenta uma narrativa que, de certa forma, tenta equilibrar o processo de colonização. A exposição escolhe descrever a colonização como um "encontro de culturas" entre a América e a Espanha, sugerindo que essa interação resultou de empréstimos e trocas culturais, formando um "novo oceano cultural" marcado pela fusão de aspectos artísticos, linguísticos e religiosos, além da

²² <https://youtu.be/FvpdyxvsxjU>

evangelização. No entanto, ao concluir essa narrativa, o museu enfatiza principalmente a religião e a língua, que são elementos centrais da cultura espanhola, apresentando-os como um legado compartilhado. Essa abordagem, ao mesmo tempo que reconhece a diversidade cultural, suaviza a realidade do processo de colonização, ignorando as desigualdades e violências que acompanharam essas “trocas” culturais, especialmente em relação aos povos indígenas e suas culturas.

Figura 20: Escrito sob a parede

https://drive.google.com/drive/folders/1kS_YIWb9xztANMB1b-BQdOENMUttT?usp=sharing

Figura do autor

Na figura acima, posicionada no centro do painel da figura dezenove, observa-se como o museu se posiciona em relação à colonialidade. Isso é exemplificado por meio das palavras-chave da frase: "barbárie" e "mestiçagem". A palavra "barbárie" é frequentemente usada para descrever visões culturais e éticas específicas, geralmente com base em um padrão cultural europeu durante o período colonial, além de também representar as práticas violentas ocorridas na América. Por outro lado, "mestiçagem" pode ser interpretada como a mistura de elementos de diferentes tradições culturais para criar novas práticas e formas de expressão. Além disso, o termo também pode se referir à combinação entre europeus e indígenas, bem como à inclusão de africanos trazidos como escravizados.

Apesar das diferentes representações, a narrativa do museu sugere uma visão de continuidade, como se o processo de colonização tivesse ocorrido de forma benéfica para ambas as partes. A mescla artística, linguística e religiosa é apresentada como um fator de enriquecimento da humanidade. A disposição dos objetos nas vitrines reforça a importância das culturas retratadas: elementos cristãos estão posicionados ao nível dos olhos dos visitantes, enquanto as cerâmicas estão localizadas mais abaixo. No entanto, no mesmo campo de visão, encontram-se pinturas que representam a cultura latina, como a "Dama Cuzqueña".

Os objetos de cunho cristão, especialmente os ícones católicos, como a Virgem de Guadalupe, desempenham um papel central na narrativa do museu, sugerindo uma representação simbólica da América como uma terra abençoada e divinamente escolhida. A presença desses ícones em posições de destaque dentro das vitrines não parece ser casual, mas sim parte de uma estratégia expositiva que busca associar a colonização com uma espécie de missão espiritual e civilizadora. A Virgem de Guadalupe, por exemplo, não é apenas uma figura religiosa, mas também um símbolo cultural profundamente enraizado na identidade latino-americana, especialmente no

México. Sua presença no contexto museológico transcende o âmbito religioso, ganhando também uma dimensão política e histórica, ao reforçar a ideia de que a colonização não foi apenas uma conquista territorial, mas também um processo de evangelização que, segundo essa narrativa, trouxe uma suposta "luz divina" para as terras americanas. Essa narrativa ignora ou minimiza as violências e os traumas associados ao processo de colonização, oferecendo uma visão idealizada onde a evangelização e a dominação são interpretadas como atos de benevolência divina, em vez de imposição cultural.

A Casa Colón tenta, com o seu discurso rememorar uma colonização que impulsiona a cultura espanhola, a viagem de Colón, a cidade de Valladolid, a história do comércio e a vivência dos povos originários, mas em nenhum momento o discurso retrata uma visão americana/ameríndia do que foi a colonização, como a Exploração, Expropriação, Dominação, Desumanização, Violência, inferioridade da vida e da cultura, a dependência colonial, a moralidade, a língua, invasão territorial, fundamentalismo religioso e o cristianismo (Moraes, 2022). Dessa forma, o formato e a estrutura do museu são pautados por meio de paradigmas construídos através de uma visão colonial. Dessa forma há uma ideia de raça, onde povos indígenas eram atrasados, retrógrado, ou que continham uma forma de vida inferior é registrado de maneira intrínseca, o discurso a qual se prega a necessidade de ser levado até os povos originários um novo conhecimento, no entanto, esse conhecimento foi imposto à força, fato histórico que o museu decide não retratar. Assim, perpetua-se uma episteme europeia, percebido através da Sala los indígenas, onde o visitante consegue perceber elementos da episteme colonial disposto no museu como o armamento, comida e a representação do indígena.

Ao concluir, é possível dizer que o museu traz em sua leitura a impossibilidade da co-presença de uma sociedade metropolitana e de territórios coloniais (BOAVENTURA, 2009). Pois ao descrever características dos povos originários reproduz uma diferença entre sociedades dominadas e dominantes e seu abismo de conhecimento, mas o museu apesar de colocar a cultura europeia como superior, não nega a contribuição indígena para a Europa. Desta forma, podemos incluir o museu em uma Nova museologia, mas ainda perpetua-se um discurso colonial e tradicional onde só se tem a valorização do conhecimento.

No âmbito museal, não podemos dizer que há um hibridismo, pois apesar de apresentar elementos culturais indígenas ele não cria novas formas de expressão ou narrativas, ainda se perpetua uma ideia genérica da cultura originária latino-americana, onde apesar de existirem diferentes elementos culturais presentes em diferentes povos, não há uma abordagem de sensibilidade e respeito pela autenticidade das culturas envolvidas, muito menos a inclusão de uma narrativa com olhar Latino-Americano, nesse viés, não há uma preocupação em trazer o

multiculturalismo pois não se há gama de culturas, etnias, línguas, tradições e histórias, o que a Casa Colón se propõe em fazer é apenas trazer citar os povos.

5. CONCLUSÃO

A análise das instituições museais, desde suas origens no Iluminismo, evidencia sua relação com as dinâmicas de poder colonial. As críticas promovidas no pensamento decolonial, como apontam autores como Quijano, De Sousa Santos, Cocotle, Athias e Brulon, denuncia práticas museológicas tradicionais que perpetuam a separação ontológica entre sujeitos e objetos, bem como processos de subalternização cultural.

Desse modo, ao comprometer-se em realizar um olhar crítico sobre o Museu Casa Colón, definimos que embora este busque apresentar aspectos da cultura indígena americana, adota uma abordagem museográfica fortemente centrada na figura de Cristóvão Colombo e na cultura europeia. É por isso que sua expografia reforça visões enviesadas e eurocêntricas, ignorando a pluralidade de sentidos e histórias associadas aos objetos expostos.

Ao longo da exposição, o museu romantiza o navegador, exaltando suas características e suas dificuldades, promovendo uma narrativa que aproxima emocionalmente o visitante de sua trajetória. Esse enfoque reforça o papel da Europa como "descobridora" e "civilizadora", com destaque para seus avanços científicos, deixando transparecer um olhar europeu que privilegia o papel colonial. Mesmo que a exposição inclua alguns objetos indígenas, esses são apresentados de forma estereotipada e unificada, o que ofusca a diversidade e a profundidade das culturas originárias da América. Dessa maneira, ao omitir as perspectivas indígenas ou latino-americanas - ou simplesmente outras - o museu limita a compreensão dos visitantes, deixando de lado as vozes e experiências dos povos que foram diretamente impactados pela chegada dos europeus.

Assim, destaca-se a urgência de transformar os museus em espaços verdadeiramente democráticos, que integrem saberes diversos, legitimem vozes historicamente silenciadas e rompam com paradigmas tradicionais. Apenas por meio dessa reformulação será possível promover uma museologia inclusiva, que valorize a diversidade cultural e contribua para a construção de um conhecimento mais equitativo e representativo.

Diante disso, esse trabalho conclui e defende que a narrativa contada e proposta pelo Museu Casa Colón reflete uma visão colonialista, que ainda marginaliza as culturas indígenas e reforça um protagonismo europeu. Essa pesquisa denuncia esse tipo de enfoque excludente e sublinha a importância de caracterizar a pluralidade das narrativas históricas, oferecendo ao público uma

compreensão mais equilibrada e respeitosa das múltiplas vozes envolvidas no encontro entre Europa e América.

6. REFERÊNCIAS

AFONSO, Micheli Martins. **Uma abordagem brasileira sobre a temática das Casas-Museu: classificação e conservação**. 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

ATHIAS, Renato. **Objetos Indígenas Vivos em Museus: Temas e Problemas sobre a Patrimonialização**. In: ATHIAS, R.; LIMA FILHO, M.; ABREU, R. **Museus e Atores Sociais: Perspectivas Antropológicas**. Recife: Editora da UFPE, ABA Publicações, 2016. p. 189-211. ISBN 978-85-4150-794-3.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Metalivros/Fundação Odebrecht, 1994. 3 v.

BERZAL, Enrique. **Colón recupera su casa de leyenda en Valladolid**. El Norte de Castilla. Disponível em: <https://www.elnortedecastilla.es/culturas/colon-recupera-casa-20180520125455-nt.html>. Acesso em: 21 abr. 2024.

BRULON, Bruno. **Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 28, p. e1, 2020.

COCOTLE, Brenda Caro; MASP. **Arte e descolonização: nós prometemos descolonizar o museu — uma revisão crítica da política museal contemporânea**, 2019. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-X87a1s0ahKuQghS3VJ4D.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris: Unesco, 17 out. 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540>. Acesso em: 15 dez. 2024.

CUARTERO Y HUERTA, Baltasar. **Los Colón en la Cartuja**. Boletín de la Real Academia Sevillana de Buenas Letras: Minervae Baeticae, n. 16, p. 67-152, 1988.

DA SILVA NOGUEIRA, Lucas Mateus et al. **Museologia na modernidade e a transformação da cultura e sociedade: tecendo diálogos decoloniais**. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 16, n. 48, p. 722-744, 2023.

DE MORAES, Wallace. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina (Aníbal Quijano) Aula 1**. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ptf6OtO8N34&t=2045s>. Acesso em: 9 out. 2024.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Para além do pensamento abissal**. Novos Estudos, n. 79, 2007.

MARTÍN, Bárbara Polo. **Los últimos días de Cristóbal Colón**. Revista de Estudios Colombinos, n. 9, p. 87-92, 2013.

MATTOS, Carlinda Maria Fischer. **A classificação dos seres no Lapidário de Alfonso X, o Sábio II**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2024. Disponível em: <https://espacoastrologico.com.br/a-classificacao-dos-seres-no-lapidario-de-alfonso-x-o-sabio-ii/>. Acesso em: 9 out. 2024.

MCNICHOL, Susana Biro. **Miradas desde afuera: Investigación sobre divulgación**. UNAM, 2007.

MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. **Intervir no museu ou dinamitá-lo: algumas reflexões sobre arte e decolonialidade**. In: **Arte e descolonização: MASP AFTERALL**. [s.l.: s.n., 2020]. Disponível em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PAES, Elvis Rogério. **O despertar do período moderno: uma síntese analítica e histórica das tecnologias implementadas nas caravelas: bússola, astrolábio, leme e terceiro mastro**. Faces da História, v. 10, n. 2, p. 151-168, 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais — perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-126.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Objeto gerador: considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história**. Revista Historiar, v. 8, n. 14, 2016.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Museu, ensino de história e sociedade de consumo**. [s.l.: s.n., 2001].

RIGOLI, Mariana et al. **Museus e museologia: conceitos e relações em retrospectiva**. In: **Museus e museologia na América Latina: compartilhando ações para a pesquisa, a qualificação profissional e a valorização de estratégias inclusivas**. [s.l.: s.n., 2020]. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-lww7g3PfpPb3ErkNRHxT.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análisis de los sistemas mundiales**. In: **La teoría social, hoy**. [s.l.: s.n., 1990]. p. 398-417.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. [s.l.: s.n., 1967]. Disponível em: <https://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/autores/Weber.%20Max/Max%20Weber%20-%20A%20C3%89TICA%20PROTESTANTE%20E%20O%20ESP%20C3%8DRITO%20DO%20CAPITALISMO.pdf>. Acesso em: 9 out. 2024.

